

Museu Republicano “Convenção de Itu”

A Z U L E J O S

preservação + exposição + conhecimento



Museu Republicano “Convenção de Itu”
Supervisão: Heloisa Barbuy, Miyoko Makino

Universidade de São Paulo
Reitor: João Grandino Rodas
Vice-Reitor: Hélio Nogueira da Cruz

Museu Paulista
Diretora: Sheila Walbe Ornstein
Vice-Diretora: Solange Ferraz de Lima

Acervo e Curadoria
Documentação: Anicleide Zequini, Giovanna Fulan Augusto
Objetos: Rosana Gimenes Aguilera
Conservação: Cilas Soares de Souza, Marcos Antonio Steiner, Vladimir Mario Herdina
Ação Educativa: Aline Zanatta

Biblioteca: Maria Cristina Monteiro Tasca, José Renato M. Galvão, Alzira Bezerra Nóbrega

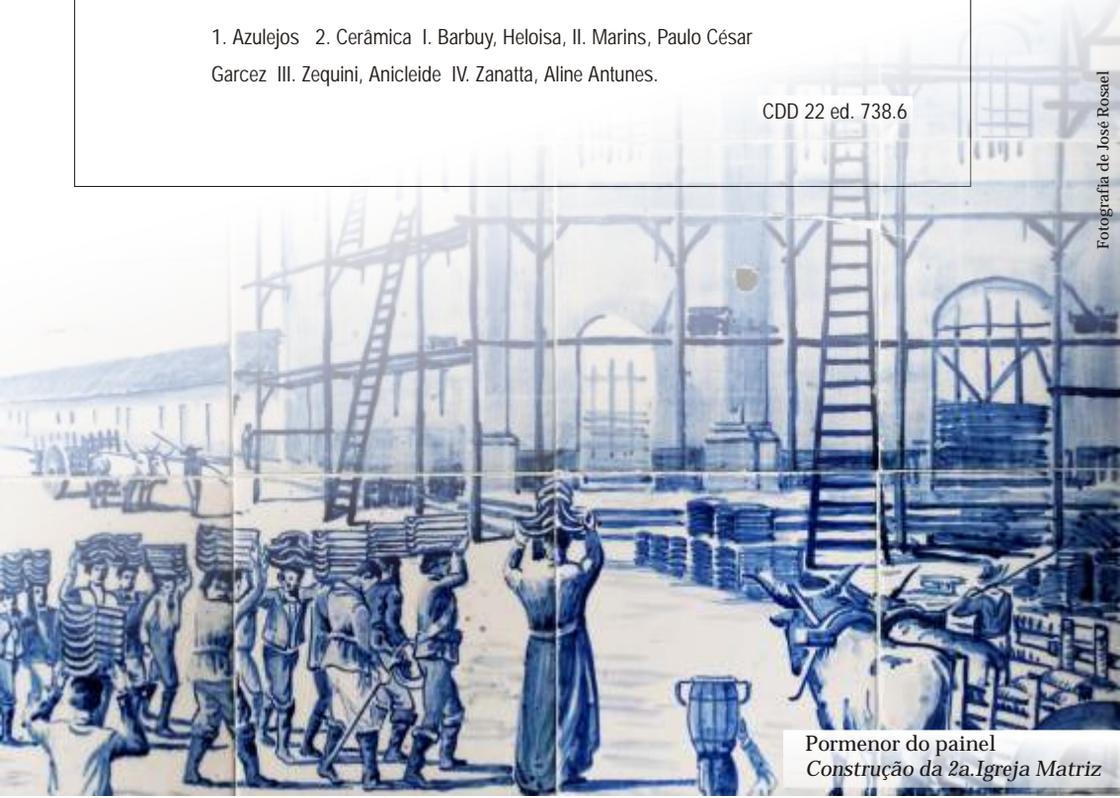
Administração: Paulo Roberto dos Santos, Flávio Xavier dos Anjos
Agentes de vigilância: Wildson Renato Menes, Welber Simões de Almeida
Vigias orgânicos: Adilson Fernando Pedroso, Benedito Aparecido Fernandes, Cristiano Monteiro, Edson Luiz Nizzola, Jair Antonio Piva, Maria Cristina Pelisan Nizzola, Paulo Fernando Zacharias

Equipes colaboradoras: Albatroz e O.Lima

Azulejos: preservação, exposição, conhecimento / Heloisa Barbuy,
Paulo César Garcez Marins, Anicleide Zequini, Aline Antunes Zanatta.
Itu (SP) : Museu Republicano “Convenção de Itu”, 2012.
p. il.

1. Azulejos 2. Cerâmica I. Barbuy, Heloisa, II. Marins, Paulo César
Garcez III. Zequini, Anicleide IV. Zanatta, Aline Antunes.

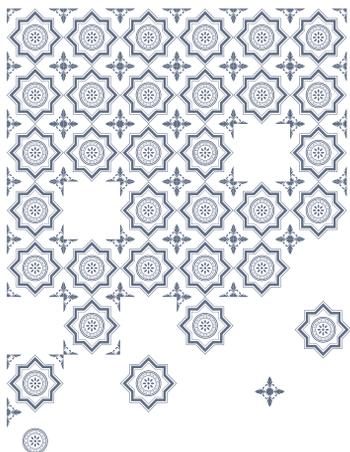
CDD 22 ed. 738.6



Pormenor do painel
Construção da 2ª Igreja Matriz

Os donos da casa:

O edifício do Museu Republicano e sua história



Os primeiros sobrados da cidade de Itu foram construídos entre os anos de 1777 e 1780 na rua Direita (atual Paula Souza), no Largo da Matriz (atual Praça Padre Miguel) e na Rua do Carmo (atual Barão de Itaim), onde estavam concentradas as residências dos proprietários rurais, enriquecidos pela economia açucareira, a elite eclesiástica e o poder administrativo, com a presença do prédio da Câmara e Cadeia.

Em 1824, a primeira informação sobre a existência do sobrado que atualmente sedia o Museu Republicano, indica que ele estava localizado na Rua do Carmo (atual Rua Barão de Itaim) e pertencia a Dona Josepha Maria de Góes Pacheco, proprietária de numerosos escravos, terras com plantações de cana de açúcar e engenho.

Outra informação, datada de 1825, indica que este edifício havia recebido algumas benfeitorias, como a colocação de “molduras para o forro e cinco molduras em volta”, possuía “7 janelas na parte superior e 7 portas embaixo”.

Em 1829, com o falecimento de Dona Josepha, o sobrado foi disputado por sua filha Francisca Xavier da Fonseca e os outros herdeiros, Elias França, Francisco, Joaquim e Maria, netos de Dona Josepha, que eram órfãos de sua outra filha, Maria Josepha Cerqueira. Como solução e, após parecer favorável de peritos contratados, o sobrado foi dividido em duas habitações: uma delas para Francisca e a outra para os demais. A primeira ficou composta por 3 janelas (em cima) e 3 portas (embaixo); a outra, por 4 janelas (em cima) e 4 portas (embaixo).



Fotografia de Hélio Nobre

Após esta divisão em duas habitações distintas, a parte do sobrado que ficou para os quatro coherdeiros foi vendida, em 1833, para o Capitão Francisco de Almeida Prado e sua primeira esposa Maria Dias Pacheco. O Capitão Francisco era descendente de uma das primeiras famílias a receberem terras em sesmarias em Itu, proprietário de grande extensões de terra, escravos e engenho de açúcar.



Fotografia de José Rosael

A segunda parte, pertencente à herdeira Francisca, foi vendida, em 1839, primeiramente para Estanislau do Amaral Campos que, em 1843, a revendeu para o mesmo Francisco de Almeida Prado e sua segunda esposa, Anna Joaquina de Vasconcellos Noronha. Assim, em 1843 o sobrado voltava a formar uma única habitação.

Em 1857, com o falecimento de Francisco de Almeida Prado, a residência ficou como herança para Anna Joaquina, que residiu neste edifício até o ano de 1866, quando também faleceu.

Nota-se, através da descrição existente em seu inventário, que o sobrado havia passado por alguns incrementos internos, como colocação de papel de parede e instalação de lustres.

O ano de 1867, conforme está grafado na platibanda do edifício, indica a data de uma provável reforma na sua fachada, com a instalação de alguns adornos e, possivelmente, o revestimento de azulejos portugueses na parte superior.

Em 1866, Carlos e José de Vasconcellos de Almeida Prado herdaram este sobrado de sua mãe Anna Joaquina, encetando então a reforma de 1867 e permanecendo como seus proprietários até o ano de 1890.

Foi, portanto, nesta fase, que em 18 de abril de 1873, este sobrado sediou a reunião republicana presidida por João Tibiriçá Piratininga, presidente do club republicano local, para a formação do Partido Republicano Paulista – PRP. A reunião ficou conhecida como “Convenção de Itu”.

Nota-se que em 1890, Carlos Vasconcellos de Almeida Prado e sua esposa, Olympia Fonseca de Almeida Prado, aparecem como os únicos proprietários do edifício, que havia sido novamente modificado, com o assentamento de 7 portas no pavimento superior. Permanecem as 7 portas já existentes no pavimento inferior, indicando que a reforma da parte inferior com a instalação das janelas hoje existentes, possivelmente tenha sido realizada por estes novos proprietários.

Neste ano, este sobrado foi trocado por outro existente na Travessa da Matriz, canto com a Rua da Palma (atual Rua dos Andradas). Assim o sobrado dos Almeida Prado passa a ser de propriedade de Francisco de Paula Leite de Barros.

Em 1893, com o falecimento de Maria de Almeida Sampaio, esposa de Francisco de Paula e, em 1894, o do próprio Francisco, o sobrado foi herdado por 6 de seus sobrinhos. Em 1922, o venderam para a Fazenda do Estado de São Paulo para a instalação do Museu Republicano “Convenção de Itu”.

Após reformas internas do edifício, sob a supervisão de Affonso de E. Taunay, foi o Museu inaugurado em 18 de abril de 1923, como anexo à seção de História do Museu Paulista e em comemoração ao 50º aniversário da “Convenção de Itu”.

Anicleide Zequini
Bibliografia: Zequini, 2002-3.



Fotografia de Hélio Nobre

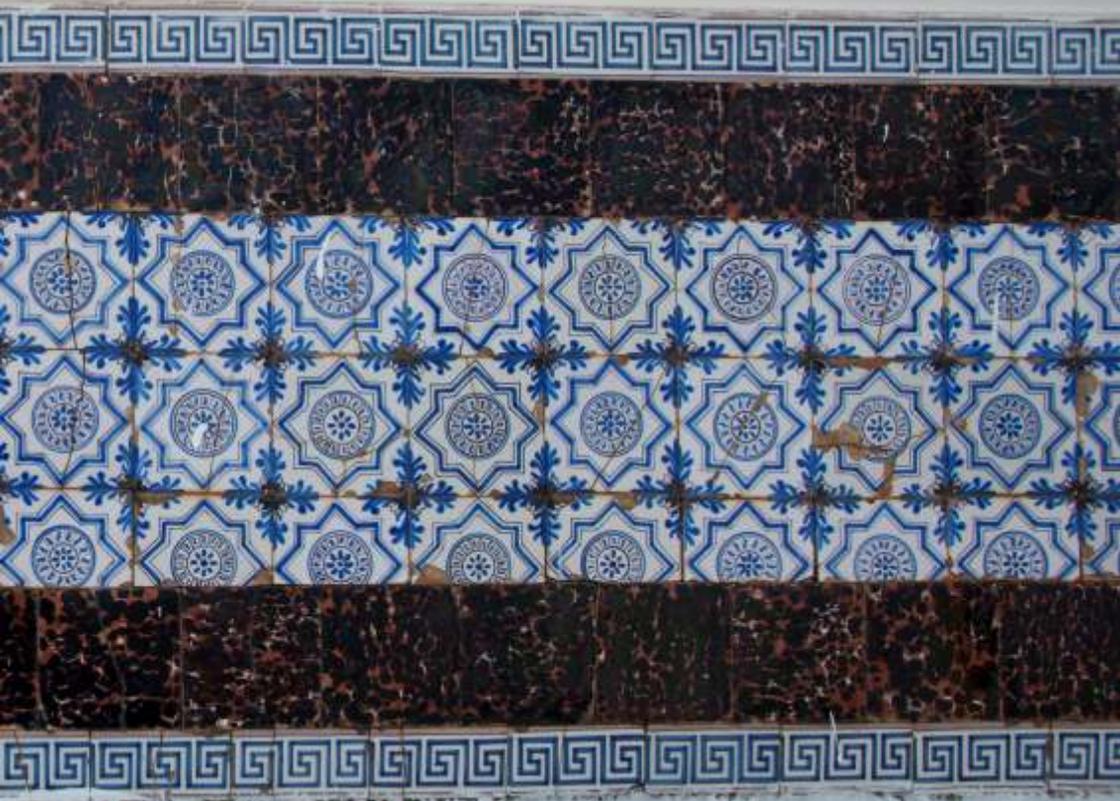


Fotografia de José Rosael



Fotografia de Hélio Nobre

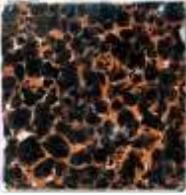
Fotografía de Hélio Nobre



A azulejaria da fachada



azulejo de padrão com motivo geométrico e vegetal.
13 X 13 cm



azulejo de cercadura simulando mármore.
15 X 15 cm



azulejo de friso com motivo clássico.
7,5 X 15 cm

A fachada do Museu Republicano é revestida dos chamados *azulejos de padrão*, isto é, um tipo de azulejo que traz motivo decorativo geralmente geométrico ou vegetal, que se repete, um ao lado do outro, sobre a mesma parede.

Nesse tipo de azulejo, há casos em que são necessárias quatro unidades ou mais para formar o padrão completo.

No caso do Museu Republicano, há um motivo geométrico principal, autônomo, mas nos cantos, há um motivo vegetal, que só se completa pela junção de quatro azulejos.

As cores são o azul cobalto e o roxo manganês, nomes que remetem aos materiais naturais com que foram produzidos os pigmentos neles utilizados.

Os azulejos escuros que cercam o padrão principal – *azulejos de cercadura* – simulam mármore.

Um outro tipo – *azulejo de friso* – forma o chamado “friso grego”, por retomar um motivo comumente encontrado na Grécia da Antiguidade.

Heloisa Barbuy

Bibliografia: Meco, 1986; As Coleções..., 1995.

Fotografias de Hélio Nobre





Azulejos de padrão fabricados em Portugal e usados no norte do Brasil, no século 19. Coleção Carlos Eugênio Marcondes de Moura no Acervo do Museu Paulista/USP.

Padrões portugueses do século 19, usados no Brasil

Na segunda metade do século 19, o uso de azulejos de padrão sobre fachadas foi intenso no norte e no nordeste do Brasil, como se pode ver, ainda hoje, em cidades como São Luís, Recife e Salvador.

A quase totalidade dos azulejos vinha de Portugal, como lastro de navio, já que, naquele momento, havia várias fábricas naquele país produzindo esse tipo de revestimento cerâmico ornamental. Entretanto, em Portugal, inicialmente apenas paredes internas eram revestidas de azulejos; a prática de cobrir fachadas com azulejaria de padrão surgiu no Brasil e daqui migrou para Portugal.

Na província e depois estado de São Paulo, porém, são poucos casos conhecidos de fachadas azulejadas. Em Itu são dois, ambos preservados atualmente: o antigo Solar da família Almeida Prado, hoje Museu Republicano “Convenção de Itu” e outra antiga residência da cidade, da família Pacheco e Silva, hoje Museu da Energia.

Na capital paulista, o caso mais conhecido foi o da Igreja dos Remédios, demolida em 1942. Sua construção original datava do século 18 mas numa reforma realizada na segunda metade do século 19, a parte superior foi revestida com azulejos azuis e brancos, de padrão muito semelhante ao utilizado no Museu Republicano.



Azulejo da fachada da Igreja dos Remédios, em São Paulo. Acervo do Museu Paulista/USP.



Azulejos da fachada do Museu da Energia, em Itu.

Heloisa Barbuy

Bibliografia: Alcântara, 1980;
Silva Filho, 1998;
Simões, 1965.

arremates



relevos



azulejaria



Elementos da fachada

Fotografia de José Rosael



A fachada do Museu Republicano é composta por portas-balcão, com gradis de ferro, e janelas equidistantes e eixo simétrico neoclássico. Na porta de entrada do Museu há uma bandeira de metal (arco vazado) cujas finalidades eram decorar, arejar, iluminar e proteger. Traz, ao centro, o ano de 1873, no qual se realizou a Convenção de Itu.

Apresenta uma platibanda, ou seja, uma moldura de pouca espessura e contínua, decorada e arrematada com ornamentos de vasos e pinhas. Sobressai nesta platibanda a data de 1867, marco da reforma da fachada.

No pavimento inferior do sobrado, a taipa de pilão possui um revestimento. Já no superior, a taipa de mão é revestida de azulejos portugueses.

Aline Antunes Zanatta

Bibliografia: Corona & Lemos, 1972; Marins, 2008.

gradis



*portas
e
janelas*



revestimento



A azulejaria do Saguão de Entrada

A azulejaria que ornamenta o interior do Museu Republicano foi concebida por Affonso d'Escragnolle Taunay, então Diretor do Museu Paulista e do Museu Republicano, como uma sequência de imagens narrativas de momentos importantes da história de Itu. Vão desde a sua fundação, em 1610, até a reunião do Partido Republicano, em 18 de abril de 1873, que ficou conhecida como Convenção de Itu, realizada na casa que abriga o Museu. A isto somam-se lugares característicos da cidade, cenas da vida cotidiana e retratos de ituanos ilustres.

Pode-se entender essa azulejaria como um projeto vinculado, de um lado, a uma tradição historicista que ainda vigorava na azulejaria em Portugal até os anos 1940 e, de outro lado, ao movimento neocolonial que se afirmava na arquitetura brasileira, especialmente em São Paulo, pela retomada de características da arquitetura considerada mais típica do país. Os azulejos ornamentais estavam entre os seus elementos, muito embora não tivessem sido muito aplicados em São Paulo no período colonial.



Fotografia de José Rosael

Azulejo figurativo
(pormenor de cena
da *Bandeira do Divino*).
15 X 15 cm

Sua realização, que se deu entre 1940 e 1952, foi encomendada ao ceramista Luiz Gagni, que recebeu de Taunay a iconografia que deveria usar como base.

Heloisa Barbuy

Bibliografia: Souza, no prelo; Toledo, 1997; Morais, 1998.

Fotografia de José Rosael

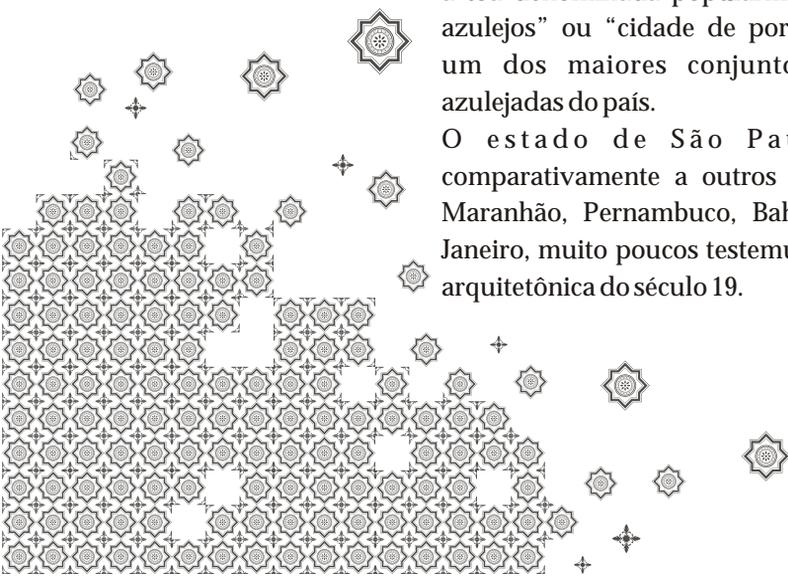


Saguão de Entrada do Museu Republicano

Sobrados azulejados em São Paulo

O século 19 foi certamente a era de ouro dos azulejos decorativos no Brasil. Antes reservados aos claustros conventuais, às naves de igrejas ou a raros solares de potentados coloniais, decorados com silhares ou painéis de azulejos portugueses em padrões sevilhanos, barrocos, rococós ou neoclássicos, o uso dos azulejos importados da Europa, no Oitocentos, deixou os interiores e ganhou as fachadas de sobrados por todo o país. A industrialização favorecia essa ampliação de uso, pois os preços tornaram-se mais acessíveis, embora ainda restritos às elites. De Porto Alegre a Belém, nossas cidades ainda mantêm muitos solares revestidos de azulejos de padrão seriado, normalmente azuis e brancos, que preservavam os frontispícios das chuvas, das sujidades, da degradação que a pintura à cal não conseguia evitar. São Luís, não à toa denominada popularmente “cidade dos azulejos” ou “cidade de porcelana”, mantém um dos maiores conjuntos de fachadas azulejadas do país.

O estado de São Paulo mantém, comparativamente a outros estados, como o Maranhão, Pernambuco, Bahia ou o Rio de Janeiro, muito poucos testemunhos dessa voga arquitetônica do século 19.





Sobrado de Fidélis Nepomuceno Prates, São Paulo.
Fotografia de Aurélio Becherini, 1924.
Acervo Museu da Cidade de São Paulo/Casa da Imagem/SMC.



Sobrado à rua 15 de novembro, São Paulo.
Fotografia de Guilherme Gaensly, cerca de 1900 (pormenor).
Acervo do Museu Paulista USP.



Sobrado à rua do Comércio, Santos.
Fotografia de Paulo César Garcez Marins.

acima:
Sobrado Pacheco e Silva, Itu
(atual Museu da Energia).
Fotografia de Paulo César Garcez Marins.

abaixo:
Sobrado Barão de Itatiba, Campinas
(conhecido como Palácio dos
Azulejos, atual Museu da Imagem e
do Som e Arquivo Municipal).
Fotografia de Hélio Nobre.

A cidade de São Paulo não guarda mais nenhuma residência oitocentista azulejada. Tanto o antigo solar em que residiu Fidélis Nepomuceno Prates, depois pertencente ao Marquês de Três Rios – primeira sede da Escola Politécnica – quanto o sobrado de três pavimentos ornado com azulejos situado na antiga rua da Imperatriz, hoje 15 de Novembro, permanecem apenas em fotografias.



Campinas abriga o célebre “Palácio dos Azulejos”, conjunto composto de dois sobrados, outrora pertencentes ao barão de Itatiba e a seu filho, Ignácio Ferreira de Camargo Andrade. Em Santos situa-se, na rua do Comércio, o sobrado azulejado que abrigou a residência e o armazém de Manoel Joaquim Ferreira Netto. Nessa mesma rua, nº 72, sobrevive um outro raro sobrado neoclássico, parcialmente azulejado. Já a cidade de Itu tem o privilégio de guardar os dois sobrados azulejados das famílias Almeida Prado e Pacheco e Silva. Todos eles são testemunhos da riqueza da cafeicultura, que assegurou aos paulistas integrar o século dos azulejos no Brasil.

Paulo César Garcez Marins

Bibliografia: CAMPOS, 1997; KAMIDE, 1998.

acima:

Sobrado Comendador Ferreira Netto, Santos (conhecido como Casa da Frontaria Azulejada, atual Fundação Arquivo e Memória de Santos).

Fotografia de Paulo César Garcez Marins.

à esquerda:

Sobrado Almeida Prado, Itu (atual Museu Republicano).

Fotografia de Hélio Nobre.

Para saber mais

ALCÂNTARA, Dora. *Azulejos portugueses em São Luiz do Maranhão*. Rio de Janeiro: Fontana/Fundação Luiz la Saigne, 1980.

AS COLECÇÕES DO MUSEU NACIONAL DO AZULEJO, LISBOA. Lisboa: Instituto Português de Museus / Londres: Zwemmer, 1995.

CAMPOS, Eudes. *Arquitetura paulistana sob o Império - aspectos da formação da cultura burguesa em São Paulo*. Tese (Doutorado), FAUUSP, São Paulo, 1997.

CAVALCANTI, Sylvia Tigre de Hollanda; CRUZ, António Menezes e. *O azulejo na arquitetura civil de Pernambuco, século XIX*. São Paulo: Metalivros, 2002.

CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos. *Dicionário da arquitetura brasileira*. São Paulo: Edart, 1972.

KAMIDE, Edna et al. (coord.). *Patrimônio cultural paulista, CONDEPHAAT - bens tombados 1968-1998*. São Paulo : Imprensa Oficial do Estado, 1998.

MARINS, Paulo César Garcez. A vida cotidiana dos paulistas: moradias, alimentação, indumentária. In: SETUBAL, Maria Alice (Coord.). *Terra Paulista: arte, costumes*. Modos de vida dos paulistas: identidades, famílias e espaços domésticos. São Paulo: Imprensa Oficial/CENPEC, 2008.

MARTINS, Mariana Esteves. *A formação do Museu Republicano “Convenção de Itu” (1921-1946)*. Dissertação (Mestrado), Departamento de História-FFLCH/USP, São Paulo, 2011.

MECO, José. *O azulejo em Portugal*. Lisboa: Alfa, 1986.

MORAIS, Frederico. *Azulejaria contemporânea no Brasil*. São Paulo: Editoração Publicações e Comunicações, 1988.

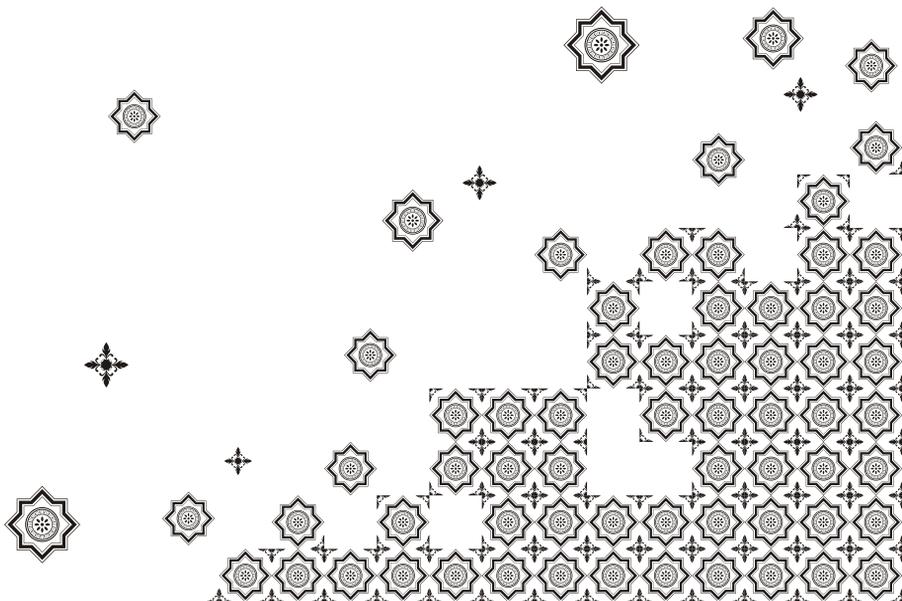
SILVA FILHO, Olavo Pereira da. *Arquitetura luso-brasileira no Maranhão*. 2.ed. Belo Horizonte: Formato, 1998.

SIMÕES, João Miguel dos Santos. *Azulejaria portuguesa no Brasil (1500-1822)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1965.

SOUZA, Jonas Soares. *Painéis de azulejos do Museu Republicano “Convenção de Itu”*. São Paulo: Edusp, no prelo.

TOLEDO, Benedito Lima de. Azulejo: permanência e inovação. In: ALCÂNTARA, Dora (org.) *Azulejos na cultura luso-brasileira*. Rio de Janeiro: IPHAN, 1997. p.73-91.

ZEQUINI, Anicleide. O Sobrado da Convenção de Itu, na antiga rua do Carmo (atual rua Barão do Itaim): uma pesquisa documental. *Anais do Museu Paulista: história e cultura material*, São Paulo, v.10-11, p.197-211, 2002-2003.



Fotografia de Flavio Xavier dos Anjos



Tela de proteção decorada, durante as obras de restauração da azulejaria da fachada do Museu Republicano, em 2012. A azulejaria interna foi restaurada em 2011.

Museu Republicano "Convenção de Itu"
R. Barão de Itaim, 67 - Centro Histórico
Estância Turística de Itu - SP CEP: 13300-160
Telefone: (11) 4023-0240

site: www.mp.usp.br/mr

projeto gráfico:
Kátia Kaori Higa
Christine Fidalgo

fotos:
Hélio Nobre
José Rosael

USP


MUSEU PAULISTA
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO


MUSEU REPUBLICANO
CONVENÇÃO DE ITU

